

QUEM RESISTE, AVANÇA

No mês da Consciência Negra, bancários celebram conquista do Censo da Diversidade

Instrumento é passo importante na luta pela Igualdade de Oportunidades. Na sexta-feira, dia 23, ao meio-dia, na Rio Branco, 123, Sindicato realiza ato público contra o preconceito de raça e gênero



VIVA A DIVERSIDADE – Há um longo caminho para conquistar a Igualdade de Oportunidades. O Censo da Diversidade é mais um passo para combater toda a forma de discriminação na categoria e na sociedade

Os números do mercado de trabalho, após um ano de Reforma Trabalhista e do fiasco econômico do país, agravado pelo golpe de 2016, confirmam que quem mais sofre com as discrepâncias sociais do Brasil são negros e negras.

Números recentes do IBGE confirmam a discriminação racial do mercado de trabalho brasileiro. Apesar das distorções históricas do país e de um agravamento da conjuntura política a

partir de 2019, nem tudo está perdido.

“A categoria bancária foi vitoriosa ao conquistar um acordo de dois anos que garante todos os nossos direitos previstos na Convenção Coletiva de Trabalho, inclusive com a cláusula que garante a realização do Censo da Diversidade, instrumento fundamental para combatermos as desigualdades entre homens e mulheres, brancos e negros e outras formas de preconceito, como a sofrida por LGBTs. É um alento em uma

conjuntura tão desalentadora”, explica a presidenta do Sindicato, Adriana Nalesso. Nesta edição, você confere nas páginas 2, 3 4, matérias que traçam estas anomalias do mercado de trabalho, inclusive nos bancos. Números e avaliações que vêm em boa hora para todos refletirem ano mês da Consciência negra (20) e do Dia Internacional de Combate à violência contra a Mulher (25).

Bancários e bancárias não podem ficar de fora destas reflexões e debate.

Presidenta do Sindicato participa, no próximo dia 28, no TRT/RJ, de debate sobre o assédio moral

Um dos mais graves problemas vividos pela categoria, o tema será debatido no auditório do Tribunal Regional do Trabalho (TRT/RJ), na quarta-feira, dia 28, às 13h. Adriana Nalesso participará do debate ao lado do professor da Unicamp e FGV/RJ, Roberto Heloani e do diretor da Fenaban, Aduino Duarte.

PATERNIDADE RESPONSÁVEL**Ainda há vagas para o curso**

Ainda há vagas para a próxima turma do programa Paternidade Responsável. Os cursos serão ministrados na terça e quarta-feira, dias 27 e 28 de novembro, no auditório do Sindicato dos Bancários: Avenida Presidente Vargas, 502, 21º andar, Centro. Organizado pelo Sindicato, os participantes serão preparados e certificados para lidar com situações paternas, além de adquirir o direito dos vinte dias de licença paternidade. Mas atenção: para participar do curso, o bancário tem de ser sindicalizado. Nos dias de aula, os interessados que não são sindicalizados poderão se filiar para fazer o curso e adquirir o direito. Mais informações ligue 2103-4170 e garanta a sua vaga.

Consciência Negra: os desafios contra o retrocesso

O Dia Nacional da Consciência Negra este ano tem uma importância singular. Nunca foi fácil para a comunidade negra lutar por seus direitos e emancipação e por uma sociedade justa, sem qualquer forma de discriminação. Desde Zumbi dos Palmares, um dos pioneiros da resistência contra a escravidão, passando por João Cândido, que liderou a revolta contra o uso da chibata como forma de castigo, na Marinha, o movimento negro ainda hoje enfrenta uma sociedade profundamente racista e desigual. Ao longo dessa jornada conquistamos avanços importantes como as políticas afirmativas que reparam uma dívida social histórica do processo civilizatório brasileiro através das cotas e de programas que estimulam a ascensão social e ampliam as oportunidades. Mas há um outro projeto que quer colocar tudo a perder.

O ATRASO NÃO VAI TRIUNFAR

Este ano, o mês da Consciência Negra, nos coloca diante de um grande desafio: enfrentar o maior retrocesso desde o início do século XX. Um discurso e o projeto que foram legitimados pelo voto da maioria dos brasileiros, desmitifica de vez a ideia de “democracia



racial” e explicita o que, há muito tempo, nós já sabíamos: parcela da sociedade brasileira é extremante conservadora e preconceituosa. Agora, saiu do armário.

É também inaceitável discursos como o de que nós brasileiros, herdamos “a indolência (preguiça) do índio” e a “malandragem” do negro e patética a declaração que se referiu a comunidade quilombola com a insinuação de que a medida de peso para os negros é a “arrouba”. Não são frases soltas, assim como o ataque às cotas raciais que tenta impor um retrocesso sem precedentes no Brasil moderno. Não vamos permitir. O atraso não vai triunfar.

NÚMEROS DA DESIGUALDADE

Os negros representam 64% da população carcerária e ape-

nas 12,8% dos estudantes de nível superior. Nos últimos dez anos, os assassinatos de mulheres brancas caíram 8%, enquanto entre as negras aumentaram 15,4%. Com a política de recrudescimento da ação policial, proposta pelos vencedores das eleições deste ano, o banho de sangue certamente atingirá ainda mais e em cheio, os pobres, em sua maioria negros. Se hoje, em cada dez pessoas assassinadas no Brasil, sete são negras, que dirá com a concretização da política de extermínio.

SÓ DEPENDE DE NÓS

Nosso desafio é reorganizar e fortalecer a resistência ao aprofundamento da opressão e da espoliação no Brasil. Enfrentar o ranço de uma elite mesquinha, egoísta, ranzinza e racista. Não basta derrotar o retrocesso vigente. É preciso retomar o sonho de uma nação justa, com oportunidades para todos, sem qualquer forma de preconceito e discriminação. E já provamos que isto é perfeitamente possível. Só depende de nós.

Almir Aguiar
Diretor da Secretaria de Combate ao Racismo da Contraf-CUT

Desemprego é maior entre os negros

Todos os brasileiros sofrem com a crise econômica, social e política que se agravou a partir do golpe de 2016 e com a aprovação da Reforma Trabalhista. Na recessão que resulta em indústrias falidas, lojas fechadas e milhões de desempregados, só quem ganha dinheiro, e muito, como sempre, são os bancos.

Apesar do desemprego atingir a todos os trabalhadores e trabalhado-

ras, os negros e negras são os mais afetados, aumentando ainda mais a histórica desigualdade racial no mercado de trabalho do país. Os números que expressam a discriminação foram divulgados na última quarta-feira, 14, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em 2012, do total de 7,6 milhões de pessoas desempregadas

no país, 59,1% eram negros e negras (48,9% pardos e 10,2% pretos, como denomina o IBGE) e 40,2% eram brancos. No terceiro trimestre deste ano, o número de desempregados subiu para 12,5 milhões. Desse total, 64,2% eram negros e negras. Já a participação dos brancos nesse contingente de desocupados reduziu para 34,7%.

Ainda segundo o IBGE, a taxa

de desocupação dos que se declararam brancos no terceiro trimestre de 2018 foi de 9,4%. Já a taxa dos pardos e pretos foi de 14,6% e 13,8%, respectivamente, superiores à taxa nacional de 11,9%.

No terceiro trimestre de 2018, os pardos e pretos passaram a representar 56,3% da população fora da força de trabalho, seguidos pelos brancos (42,5%).

BANCÁRIO

Presidenta: Adriana Nalesso – **Sede** – Av. Pres. Vargas, 502 /16º, 20º, 21º e 22º andares - CEP 20071-000 – Centro – Fax (Redação): (021) 2103-4112 – **Sede Campestre** - R. Mirataia, 121 - Tel.: 2445-4434 (Pechincha/Jacarepagua) – **Secretaria de Imprensa** (imprensa@bancariosrio.org.br) – Vera Luiza Xavier (Banerj/Itaú), coordenador responsável **Coletivo de Imprensa:** Ronald Carvalhosa (Banerj/Itaú), Marcelo Ribeiro (Unibanco/Itaú), José Pinheiro (Banerj/Itaú) - **Editor:** Carlos Vasconcellos - MTb 21335/RJ - **Redator:** Olyntho Contente - Mtb 14173/RJ - **Estagiário:**

Gabriel de Oliveira - **Ilustrador:** Julio Mariano - **Diagramadores:** Marco Scalzo e Fernando Xavier - **Fotos:** Nando Neves - **Secretário de Imprensa:** Celedon Broca – Secretaria de Cultura (cultural@bancariosrio.org.br) - Tel.: 2103-4150 – Secretaria de Bancos Públicos (bancospublicos@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4122/4123 – Secretaria de Bancos Privados (bancosprivados@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4121/4124/4172 – Secretaria de Saúde (saude@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4110/4116/4149/4176 – Secretaria do Jurídico (juridico@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4104/4125/4128/4173 – **Impresso na 3 Graph - Distribuição Gratuita - Tiragem: 18.000**

O feminicídio tem cor

Assassinato de mulheres brancas diminui, enquanto que de negras e indígenas cresce

Crédito: Mídia Ninja

A pesquisadora Jackeline Aparecida Romio, doutora em Demografia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), disse que há três tipos de feminicídio: sexual (resultado de violência sexual), doméstico (resultado de violência doméstica) e reprodutivo (mortes de mulheres causadas pelo aborto). A afirmação foi feita no último dia 7 de novembro, em um debate na Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara dos Deputados, em Brasília.

Segundo a pesquisadora, os dados significam que as mulheres negras e indígenas não estão sendo atingidas pelas políticas universais e precisam de políticas públicas específicas. Nos últimos dez anos, os assassinatos de mulheres brancas caíram 8%, enquanto entre as negras aumentaram 15,4%.

A Lei aprovada pelo Congresso em 2015 (13.104) alterou o Código Penal (Decreto-Lei 2.848/40) para qualificar o feminicídio como um crime contra a mulher tendo como razão simplesmente a sua condição do sexo feminino.

A especialista acrescenta que em muitos casos há mutilação de corpos, o



QUEM MATOU MARIELLE? - A morte da vereadora Marielle Franco (PSOL) continua sem respostas. Mulher, negra, LGBT e ativista, ela é vítima de uma sociedade racista e preconceituosa

que demonstraria o ódio contra a mulher.

RACISMO INSTITUCIONAL

Os participantes do encontro pediram uma investigação para saber porque em relação à mortalidade materna no Brasil, mulheres negras morrem mais do que as brancas. Especialistas consideram que há um racismo institucional, ou seja, o tempo dedicado e melhores con-

dições de atendimento nas instituições de saúde brasileiras às mulheres negras é inferior ao às brancas.

De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no último ano, 4.606 mulheres foram assassinadas, sendo que apenas 621 casos foram notificados como feminicídio.

A pesquisadora destaca a alta taxa de mortalidade entre mulheres de 15 a 49 anos. Como se vê, o feminicídio no país tem cor e classe social.

SANTANDER Carta aberta

Na manhã da última quarta-feira (13), a presidenta mundial do Grupo Santander, Ana Botín, visitou os trabalhadores da Torre, matriz do banco Santander no Brasil, em São Paulo. A executiva realizou uma conversa com cerca de mil funcionários, em auditório fechado. Os bancários aproveitaram a presença da presidenta mundial do grupo espanhol para distribuir carta aberta na qual cobram melhores condições de trabalho, fim das demissões compulsórias, liberdade sindical e responsabilidade social por parte da instituição.

“O banco precisa explicar porque trata os trabalhadores no Brasil de forma tão mais precária e com descaso do que na Espanha, seu país de origem. E é justamente em nosso país que a instituição consegue seus maiores lucros”, explica a diretora do Sindicato do Rio, Maria de Fátima Guimarães.

Confira em nosso site o documento, na íntegra: www.bancariosrio.org.br.

Santander restringe vale-transporte e quer impor rotas para os bancários

Medida traz transtornos e coloca em risco a segurança dos funcionários

O Santander anunciou mudanças na concessão do vale-transporte de seus funcionários, com o objetivo de reduzir despesas. O problema é que o banco espanhol, com a medida, não leva em consideração que o roteiro escolhido pelo bancário leva em consideração, não somente a facilidade e maior agilidade para chegar ao destino, mas também a segurança. É bom lembrar que o Call Center do Santander está localizado em uma área de risco e de difícil acesso.

SITUAÇÃO DE RISCO

No início de outubro o banco informou que fará a roteirização dos trajetos dos funcionários e apresentará a cada funcionária individualmente. Se o empregado não concordar, poderá recusar a rota proposta e outra lhe será apresentada. Isto pode se re-



petir mais uma vez e, caso não concorde com as opções oferecidas, o empregado terá que justificar o motivo, apresentando a razão que o fez escolher os modais que vinha utilizando. Os valores de vales-transporte concedidos aos funcionários cobrem apenas os modais mais baratos de transporte e privilegiam as integrações oferecidas pelo sistema do Bilhete Único.

“A roteirização tem falhas, como linha de ônibus extinta. E ainda situações perigosas, como a necessidade de descer na Avenida Brasil de madru-

gada, passar por dentro de comunidades e áreas de risco”, critica o diretor da Fetraf-RJ/ES e membro da COE (Comissão de Organização dos Empregados), Marcos Vicente. O sindicalista denuncia ainda que muitos empregados terão de caminhar cerca de 700 metros para chegar ao trabalho ou mesmo bancar uma nova passagem para chegar ao trabalho, situação ainda mais complicada para trabalhadores Portadores de Deficiência, tudo para o Santander economizar dinheiro e lucrar ainda mais.

DESRESPEITO À LEI

A mudança contraria a lei 7.418-1985, que instituiu o vale-transporte para o trabalhador. No artigo 4º está determinado que o benefício seja concedido ao trabalhador “no serviço de transporte que melhor se adequar”, e não no que tiver custo mais baixo.

O Sindicato vai tomar todas as medidas necessárias para evitar que os empregados sejam pressionados a aceitar rotas de transporte que não sejam adequadas.

“Os bancários que não conseguem manter sua opção de rota e se sentirem prejudicados pela mudança arbitrária devem procurar orientação junto ao Sindicato, para que possamos tomar as medidas cabíveis”, recomenda Vicente. Uma das soluções, segundo Marcos, será encaminhar denúncia ao Ministério Público do Trabalho e demais órgãos de defesa do trabalhador.

Pelo fim da discriminação nos locais de trabalho

Categoria bancária é uma das primeiras a ter, desde 2000, a igualdade de oportunidades como cláusula da Convenção Coletiva de Trabalho e pioneira na realização do Censo da Diversidade



LONGE DA IGUALDADE DE OPORTUNIDADES - Negros e brancos. Homens e mulheres: a discriminação na sociedade reflete as distorções no mercado de trabalho Nos bancos, a situação não é diferente

No mês da Consciência Negra (20) e do Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher (25), a categoria celebra uma importante conquista, garantida na Convenção Coletiva de Trabalho, fruto da luta de bancários e bancárias na Campanha Salarial deste ano: o Censo da Diversidade.

A categoria é uma das primeiras a ter, desde o ano 2000, a igualdade de oportunidades como cláusula na CCT além de ser pioneira na realização do Censo da Diversidade. A primeira edição da pesquisa feita junto a trabalhadores e trabalhadoras de bancos públicos e privados foi realizada em 2008 e a segunda em 2014.

“O Censo é um instrumento fundamental para a promoção de políticas de combate às desigualdades e discriminações de raça, cor, gênero, idade ou orientação sexual (LGBT) nos locais de trabalho e bancárias e bancários de todo o país têm que celebrar este passo importante para buscarmos a igualdade de oportunidades”, afirma a presidenta do Sindicato do Rio, Adriana Nalesso.

Os números do preconceito

Negros:

- 50% da população brasileira
- 3,4% da categoria bancária
- Raramente ocupam cargos de chefia

Mulheres:

- Metade da categoria
- Ganham 23% menos que os homens
- Ocupam menos cargos de chefia

Mulheres negras:

- Dupla discriminação.
- Raramente ocupam cargos de chefia

COMISSÃO BIPARTITE

Os bancários contam ainda com uma comissão bipartite. Composta por representantes dos trabalhadores e dos bancos, a comissão se reúne a cada três meses para debater o tema e desenvolver propostas, com base no Censo da Diversidade, de orientação dos empregados, gestores e empregadores. O objetivo é prevenir as distorções que levam a atos e posturas discriminatórias nos ambientes de trabalho e na sociedade de um modo geral.

AS BARREIRAS DO PRECONCEITO

Os bancos reproduzem as

diversas formas de discriminação que existem na sociedade. No Brasil o machismo (61%) é o preconceito mais arraigado, seguido pelo racismo (46%) e LGBTfobia (44%). As pessoas portadoras de obesidade também sofrem, é a chamada gordofobia (30%). O Brasil vive um momento em que o preconceito se torna mais explícito e vira uma narrativa política que conquistou hegemonia em 2018. Este contexto interfere diretamente no mercado de trabalho com dificuldade de ascensão profissional.

“As mulheres com escolaridade igual ou superior ganham,

em média, salários inferiores aos dos homens nos bancos. As negras sofrem dupla discriminação”, critica a diretora de Políticas Sociais do Sindicato, Kátia Branco.

Almir Aguiar, secretário de Combate ao Racismo da Contraf-CUT, lembra que há ainda muito o que avançar.

“Estamos longe de atingir a Igualdade de Oportunidades. Como em todo o mercado de trabalho, nos bancos os negros são minoria e raramente ocupam cargos de chefia e de destaque”, critica. Para o sindicalista, o censo da diversidade deveria ser realizado pelo menos a cada dois anos, já que a rotatividade no setor bancário é cada vez maior.

“É preciso mapear o perfil da categoria com mais frequência para podemos avaliar se houve evolução na contratação dos grupos que mais sofrem preconceito. Precisamos observar se negros, mulheres, transsexuais e portadores de deficiência continuam encontrando barreiras para a inserção e ascensão no sistema financeiro”, afirma.